



Blue Wink-E 2026: como a IA está a transformar a economia do oceano

Na conferência Blue Wink-E 2026, a introdução da inteligência artificial (IA) na gestão dos oceanos foi o tema central em debate

25 de Março de 2026, 12:13

Foi no dia em que começou a primavera que uma comunidade de cientistas, investigadores, decisores políticos, empreendedores, universitários e entusiastas do mar se reuniu no Terminal de Cruzeiros do Porto, em Matosinhos para debater o recurso à IA na gestão do mar. Um encontro dedicado à bioeconomia azul, organizado pelo B2E - Blue Bioeconomy CoLAB.

“Blue Growth, real impact.” Foi sob este mote que arrancou a sessão, com Ana Paula Mucha, presidente da direcção do B2E CoLAB, a abrir o encontro e a lançar o tom para o que se seguiria. Mais do que um enquadramento institucional, a intervenção apontou para uma mudança de fase: aproximar empresas, ciência e tecnologia para gerar impacto real na bioeconomia azul. “Estamos a entrar numa nova etapa e é sobre essa fronteira que queremos falar hoje: a introdução da inteligência artificial nos oceanos”, afirmou.

A presença de Luísa Salgueiro, presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, reforçou a ligação entre o território e o tema em debate. Num município onde o mar faz parte da identidade e da economia, a autarca destacou o compromisso com as políticas do oceano e com o reforço do posicionamento de Matosinhos na economia azul. “O nosso desafio é melhorar a qualidade de vida de quem cá vive, sem perder de vista o futuro do mar”, sublinhou.

MAIN SPEAKER

A intervenção de Daniela V. Fernandez, oradora principal, foi um dos momentos centrais do encontro. Fundadora da Sustainable Ocean Alliance (SOA) e sócia-gerente da Velamar, uma plataforma de investimento dedicada à economia do oceano, a empresária equatoriana trouxe uma leitura estratégica sobre o papel da inteligência artificial na transformação do sector.

A sua apresentação começou com um conjunto de perguntas dirigidas à audiência, que colocaram em evidência as tensões associadas à adopção destas tecnologias: quem detém o poder sobre a inteligência artificial aplicada ao oceano? Quem beneficia, em última instância, da sua utilização? E quem assume os custos quando os sistemas falham? Questões que, defendeu, não são apenas tecnológicas, mas de governação e responsabilidade, e que terão de ser respondidas por quem lidera organizações e define políticas.

Em entrevista ao Público, Daniela V. Fernandez defende que a inteligência artificial será a infraestrutura da economia do oceano na próxima década. “Vai ajudar-nos a perceber como financiar projectos e a identificar aqueles que têm dados suficientes para demonstrar que a tecnologia funciona. Vai também permitir o desenvolvimento de modelos preditivos que não tínhamos no passado”, afirmou. Actualmente, acrescenta, a IA já desempenha um papel significativo na monitorização e gestão do oceano, estimando-se que esteja presente em cerca de 71% desses processos. “Esse peso vai aumentar, tanto na gestão como no financiamento, o que poderá tornar os projectos ligados ao mar mais escaláveis”, concluiu.



Oradora Principal: Daniela V. Fernandez

Sobre o caminho que Portugal ainda tem a percorrer neste domínio, Daniela V. Fernandez destacou o potencial do país, ancorado na sua relação histórica com o mar. “Portugal tem uma enorme capacidade para integrar e até liderar a discussão sobre inteligência artificial aplicada ao oceano”, afirmou, apontando a densidade de centros de investigação, hubs de inovação e conhecimento científico já existente. A

MAIS POPULARES

EXCLUSIVO EDUCAÇÃO
Governo propõe níveis mínimos de numeracia e inglês para entrar no superior

CARLOS MOEDAS
Moedas contrata chef para ter refeições de “qualidade superior” em eventos da câmara

EXCLUSIVO REPORTAGEM
Com gado de 40 céntimos mais barato, portugueses (ainda) vão mais a Espanha

RELAXAR >

De Hogwarts ao jardim, oito dicas para brincar (e adocar) em família

Um restaurante no céu de Lisboa: Sky Lounge eleva almoços e jantares a 50m de altura

EXCLUSIVO
O que vem aí no cinema português? Camillo, Goetzee e as brasileiras: estamos impressionados!



responsável deixou ainda um apelo directo aos decisores políticos: reflectir sobre o papel que o país pode assumir na influência das agendas europeias e internacionais neste domínio.

O programa abriu depois espaço a um momento menos convencional. João Cruz, com formação em Biologia Marinha, subiu ao palco para um stand-up que cruzou ciência, tecnologia e oceano com humor. Num registo descontraído, conseguiu aproximar temas complexos do público, sem perder o rigor, num dos momentos mais inesperados da sessão.

Após a pausa para café, seguiu-se a mesa redonda "IA no oceano: como escalar inovação azul", moderada por Patrícia Gonçalves, gestora de Comunicação e Marketing do E2E CoLAB. O painel reuniu João Claro, presidente do INESC TEC, Álvaro Sardinha, fundador do Centro de Competência em Economia Azul (C2EA), e os diretores-executivos Kelwin Fernandes (NILG AD) e Guilherme Belezza Vaz (blueOASIS).

O ponto de partida foi uma pergunta dirigida ao público: o que é mais determinante para que a inteligência artificial tenha impacto real na economia do oceano? A partir daí, a discussão rapidamente se centrou menos na tecnologia e mais nas condições necessárias para a sua aplicação.

Álvaro Sardinha destacou que, apesar do potencial da inteligência artificial, a sua adopção depende de liderança e de uma maior literacia sobre o oceano. "A IA é uma ferramenta poderosa, mas não substitui a capacidade de decisão", sublinhou, defendendo que serão os líderes a fazer a diferença neste processo. João Claro reforçou a necessidade de investir em infraestruturas tecnológicas robustas, nomeadamente ao nível da validação e integração de dados. A dificuldade em trabalhar dados de forma consistente foi, aliás, um dos pontos de consenso entre os participantes.



Mesa redonda "IA no oceano: como escalar inovação azul" da esquerda para a direita: Patrícia Gonçalves, João Claro, Kelwin Fernandes, Álvaro Sardinha, Guilherme Belezza Vaz

Do lado das aplicações concretas, Guilherme Belezza Vaz apresentou o caso da solução desenvolvida pela blueOASIS, actualmente em utilização no monte submarino Condor, nos Açores. A tecnologia permite identificar espécies, estimar o peso dos peixes, ajustar a alimentação e detectar doenças de forma precoce. "Isto permite reduzir mortalidade, emissões e custos operacionais, tornando a produção mais eficiente", explicou.

Apesar destes avanços, a inteligência artificial continua, na maioria dos casos, a assumir um papel de apoio à decisão, e não de substituição dos processos de gestão. Muitas soluções permanecem ainda em fase experimental, evidenciando a distância entre o potencial tecnológico e a sua aplicação generalizada.

Já Kelwin Fernandes trouxe uma leitura mais crítica sobre o contexto nacional, defendendo que Portugal continua, em muitos aspectos, "de costas voltadas para o mar". "Ainda não estamos a olhar para o oceano como uma verdadeira oportunidade económica. Vamos lá chegar, mas há caminho a fazer", afirmou.

O encerramento do evento ficou a cargo de Luís Menezes Pinheiro, coordenador do Comité Nacional para a Década do Oceano, que retomou vários dos pontos discutidos ao longo do dia. Destacou, em particular, os desafios ainda existentes ao nível dos dados, sublinhando que o ecossistema de dados abertos está longe do nível de maturidade desejável. "Quando iniciámos os trabalhos para a Década do Oceano, em 2017, apenas cerca de 6% dos dados estavam cartografados. No ano passado, esse valor já tinha subido para 27%", referiu.

Apesar das limitações, deixou uma nota de confiança em relação ao futuro. "A inteligência artificial é uma ferramenta que, bem utilizada, será extremamente útil", afirmou, apontando para o seu papel crescente na gestão e valorização do oceano.

O Blue Wink-E 2026 foi oficialmente reconhecido como iniciativa endossada pela Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável, integrando um conjunto restrito de ações alinhadas com os objetivos globais para um oceano mais saudável, resiliente e produtivo entre 2021 e 2030.

O evento contou ainda com o apoio institucional do Comité Nacional Português para a Década do Oceano e do Comité Português da Comissão Oceanográfica Intergovernamental da UNESCO (COI-UNESCO), reforçando o seu enquadramento estratégico nas agendas nacionais e internacionais para o oceano.

CONTEÚDO COMERCIAL



Sugere correcção



Leia os artigos que quiser, até ao fim

Com uma assinatura mensal tem acesso ilimitado a todos os conteúdos e cancela quando quiser

Saiba mais

Comentar

LER MAIS



EXCLUSIVO EDUCAÇÃO

Govêrno propõe níveis mínimos de númeracia e inglês para entrar no superior



REDE FERROVIÁRIA

IP cobra 167 euros a comboio que transportou sacos de areia nas cheias



BIODIVERSIDADE

Um parto especial: o oceano uniu-se e um cachalote nasceu

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER DESPERTADOR

DE SEGUNDA A SEXTA

Todas as manhãs, a newsletter fundamental para estar informado.

Subscrever

Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATORIO

EM DESTAQUE



EXCLUSIVO 25.º CONGRESSO DO PS
Centeno, Cordeiro, Medina, Leitão e Vieira da Silva: rivais de Carneiro à espreita?

Maria Lopes



EXCLUSIVO EDUCAÇÃO
Governo propõe níveis mínimos de numeracia e inglês para entrar no superior

Andreia Sanches



MÉDIO ORIENTE
Encontro entre EUA e Irão estará "para breve", Teerão denuncia "crimes atrozes"

Miguel Dantas

EDIÇÃO IMPRESSA
27 de março de 2026

Ver mais

PUB

OPINIÃO



A gestão do excedente segue no Terreiro do Paço
Maria Motinho Oliveira



O odor fétido da intolerância na AR
Susana Peralta



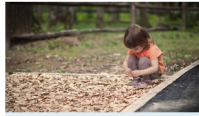
Pôr a raposa no galinheiro
Pedro Adão e Silva



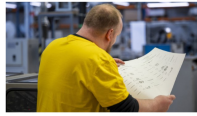
"O Chega é o partido dos pedófilos"
Ana Sã Lopes



EXCLUSIVO MÉDIO ORIENTE
Desviadas atenções internacionais, Israel usa "licença para torturar"



Estádio|P CONTEÚDO COMERCIAL
Prémio de 1,4 milhões apoia projetos que combatem a pobreza



EXCLUSIVO HUNGRIA
Hungria: documentário mostra intimidação e compra de votos a favor

PUB